



MALTA, OUTRA "CUBA" NO MEDITERRÂNEO

Therezinha de Castro

INTRODUÇÃO

O Arquipélago de Malta é formado pelas ilhas de *Malta* (246 km²), *Gozo* (67 km²), *Comino* (2,6 km²) e a ilhaota desabitada de *Fílfia*, dominando o canal que divide o Mediterrâneo Oriental do Ocidental, distando 98 km da Sicília e 290 km da costa da Líbia. (Mapa 1)

Caracterizado por formações rochosas, o arquipélago tem 316 km² de área total, abrigando uma população de 319.936 pessoas, segundo estimativa de 1980. Seus principais centros populacionais são: *La Valeta*, capital da República, *Cita Vecchia*, *Zeitun* e *Slie-ma* em Malta e *Vitória* em Gozo.

Seu clima do tipo mediterrâneo, com verões quentes e secos, seguidos de invernos chuvosos e temperados, permite o cultivo de legu-

mes, batata, vinha, cevada em 35.067 acres, empregando apenas 6,1% da população. Em contrapartida, toda a sua força de trabalho se concentra nos 33% de empregados na indústria de *reparação e construção naval*, com toda a matéria-prima importada. Por isso, a *União Geral dos Trabalhadores* é, na realidade, a segunda força política do país, dominando os estaleiros, de onde as maiores exportações seguem para a Rússia e Líbia.

ASPECTO GEOESTRATÉGICO

Por sua *posição central* Malta teve, desde a antiguidade, papel importante na História do Mediterrâneo, quando o comércio marítimo reservava certas vantagens a alguns povos, vedando-as a outros que não possuíam acesso direto a

MALTA E O MEDITERRÂNEO

CINTURA MEDITERRÂNEA



Org. por
Therezinha
de Castro

MAPA 1

espaços marinhos. Esse determinismo geográfico fez com que Malta pertencesse sucessivamente aos *fenícios, gregos, cartagineses e romanos*. Constatou-se, então, a determinante histórica de que quando um desses povos ocupava a ilha, coincidia a época com seu maior desenvolvimento marítimo, e quando a perdia, estava próximo o seu declínio. Conseqüentemente, podemos afirmar que Malta foi *o centro de toda a talassocracia antiga*, ou seja, de toda a dominação mediterrânea.

Em 711 os *árabes* haviam tomado quase toda a África do Norte e a Península Ibérica; faltava-lhes o arquipélago maltês para o controle do Mediterrâneo. Conseguindo ocupar Malta em 870, o arquipélago tornou-se um foco de corsários, já que era daí que os árabes atacavam os litorais mediterrâneos de países cristãos.

Das mãos dos árabes o arquipélago passou para o *domínio normando* (1090), dos *franceses* (1282) e *espanhol*, até Carlos V doá-lo a *Ordem dos Cavalheiros de S. João de Jerusalém* (1530). Como desta Ordem fizesse parte pessoas de várias nacionalidades a *ilha foi dividida em "oito línguas"*, cada qual dirigida por um Prior eleito; os franceses eram os mais numerosos, os espanhóis os mais influentes, seguindo os italianos e ingleses.*

Em 1565 os Cavalheiros resistiram corajosamente à investida dos

* A influência inglesa desapareceu quando Henrique VIII adotou o anglicanismo, fazendo com que essa "língua" perdesse aí os seus domínios.

turcos, quando era Grão-Mestre *João Parisot de La Valeta*. Este idealizou então a construção de uma *cidade fortificada* para se prevenir contra qualquer outro ataque eventual. Com o envio de donativos por parte de todos os soberanos católicos, nascia *La Valeta* (1566), hoje capital da República de Malta.

A França conseguiria, aos poucos, instalar o seu protetorado em Malta, por intermédio dos Cavaleiros, até sua *ocupação por Napoleão Bonaparte* em 1798; este vira na ilha excelente posicionamento geoestratégico que uma vez nas mãos dos franceses serviria para entrar as atividades inglesas no Mediterrâneo.

Em 1800, com a colaboração dos malteses, *os ingleses expulsam os franceses*, transferindo a ilha para a sua esfera de influência;

Malta se transforma então no *ponto-chave de domínio marítimo para a Inglaterra*, por seu posicionamento na geoestratégica "*Cintura Mediterrânea*", formada de um lado pelo Estreito de Messina e do outro pela região que separa o Cabo Bom da costa sudoeste da Sicília. (Mapa 2)

Sendo o Estreito de Messina apertado por terras formadas pela Sicília e Península Itálica, a "*Cintura Mediterrânea*" encontra-se aí inteiramente *submetida à dominação terrestre*, envolvendo neste caso unicamente a Itália. Já a *área marítima é bem mais extensa ao sul*, envolvendo a Tunísia, Sicília e Malta; deste modo a "*Cintura Mediterrânea*" encontra-se aí submetida ao *duplo poderio naval e ter-*



restre, chegando ao nosso século como ponto-chave também indispensável ao *domínio aéreo* por seu posicionamento em zona de conflito*.

Por outro lado, o Arquipélago de Malta constitui geoestrategicamente uma *posição marítima de relativo isolamento*, estando protegido contra as comunicações terrestres normais, porém *dotado de excelentes possibilidades como escala marítima e aérea*; donde sua função como *centro de irradiação de forças, ponto de defesa ou de ameaça*.

Dentro do contexto, pois, Malta, é sob o ponto de vista geoestratégico a mais importante das bases que servem de escala na Rota da Índia, através do Mediterrâneo, Canal de Suez e Mar Vermelho**; seu *posicionamento central no Mediterrâneo* garante-lhe tal classificação.

Durante a Primeira Guerra Mundial, Malta serviu de base para os aliados que lutavam no Adriático contra a Áustria, até a entrada da Itália no conflito (1915). A aliança da Itália com a Alemanha na Segunda Guerra Mundial realçou o valor geoestratégico de Malta; embora duramente bombardeada pelos "stukas" alemães, não deixou a ilha de ser *arsenal flutuante* para os aliados, cujos navios avariados aí encontravam abrigo e reparos.

* Em 1956 Malta serviu à Inglaterra como cabeça-de-ponte para atacar o Egito, então em luta contra Israel, por causa do Canal de Suez.

** - Aí, misteriosamente, estão aparecendo minas que desde 9 de julho de 1984 vem acidentando navios.

Em princípios de 1943, Malta tornava-se uma *base ofensiva* extremamente perigosa para as forças do Eixo, tornando precárias as comunicações da Itália com a Tripolitânia e Tunísia, o último reduto das tropas italo-germânicas na África.

A posição insular tem, para o poderio político, por igual, inconvenientes e vantagens. A abertura de Suez deu a Malta uma importância maior no tráfego Mediterrâneo-Mar Vermelho, em detrimento das escalas que serviam a Rota do Cabo contornando a África. Em contrapartida, para Fernand Braudel a insularidade de Malta e demais ilhas mediterrâneas não lhes deu liberdade na escolha das relações sobre as quais fundamentavam sua vida. Complementando o pensamento afirma Jean Gottman que as afinidades entre a Geografia e a Política Exterior de uma Ilha-Estado são incontestáveis, porém "muitas vezes instáveis e quase sempre ligeiramente variadas".

Eis, pois, em tese a *geopolítica de Malta*, onde a coabitação não se constituiu num cimento político tão eficaz e sólido. As ocupações sucessivas da ilha trouxeram para a região um *problema lingüístico*, tal como sucedeu em Chipre. Grande parte dos habitantes de Malta fala o maltês, dialeto de origem semítica que ao lado do inglês é língua oficial; é fato, porém, que as classes mais cultas falam o italiano, língua que substituiu o latim depois da Idade Média. No século XVIII o francês começou a se expandir pela ilha, mas os ingleses barraram-lhe os progressos. Em

1838 o Estatuto Fundamental da Universidade reconhecia o italiano como língua de cultura dos malteses, limitando porém o inglês aos órgãos administrativos.

Graças à influência italiana a população maltesa é predominantemente católica (99%); mas, em face da *socialização da ilha*, a Constituição de 1964 foi emendada em dezembro de 1974 para a implantação da *República*, determinando também que *a religião católica romana conservaria apenas o seu direito à liderança moral*, perdendo a autoridade política.

SITUAÇÃO POLÍTICA

As provas de lealdade e heroísmo que os malteses deram à Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial influiriam de modo decisivo na *mudança do status político da ilha*. A Inglaterra concedia-lhe um *governo autônomo* (1947), com estatuto próprio, espécie de meio termo entre o das colônias e o dos membros do Commonwealth. Elegia-se então, por sufrágio universal, 40 membros para a representação proporcional da Assembleia Legislativa.

Dois partidos passaram então a disputar a política local. O *Partido Trabalhista*, liderado por *Dominic Mintoff*, desejando, na época, uma maior aproximação e dependência da Inglaterra; ou seja, uma situação análoga à da Irlanda do Norte, com representantes malteses na Câmara Comum inglesa. Já o *Partido Nacionalista*, chefiado por *Giorgio Borg Olivier*, se opunha à tal integração.

Realizadas as eleições em 1955, coube a vitória ao Partido Trabalhista de Mintoff, com 23 representantes contra 17 do Partido Nacionalista de Olivier. Tornando-se então Primeiro Ministro, Mintoff tentou dar andamento à sua política integracionista, baseado no *Plebiscito de 1956*, através do qual 75% dos malteses se haviam declarado favoráveis ao seu projeto. Resolvendo, porém, a Inglaterra adiar essa integração por mais cinco anos, eclodiu *uma crise interna* no frágil Estado-Ilha, levando Mintoff a renunciar. Era declarado o *estado de emergência* a 30 de abril de 1958, assumindo o Governador-Geral, *Sir Maurice Dorman*, o controle do país.

Apaziguados os ânimos foi promulgada a Constituição de 1961, que transformava o arquipélago no *Estado Soberano de Malta*, ficando a Inglaterra responsável por sua defesa e assuntos externos. Uma posterior Conferência, realizada em Londres, em 1963, concordava em conceder a *independência total* ao arquipélago.

No dia 21 de setembro de 1964, o Príncipe Philip entregava a Olivier, chefe do Partido mais votado, feito Primeiro Ministro, a *Declaração da Independência de Malta*, em nome da Rainha Elizabeth II; por sua vez, Sir Maurice Dorman, Governador Geral e Representante da Rainha neste novo membro da Comunidade Britânica, jurava obediência ao Estado.

Procurando atrair capitais ingleses, Olivier assinava também com a Inglaterra um acordo (1970), concordando com a *continuação da*

base militar inglesa em Malta e recebendo em troca um auxílio financeiro.

Criticando a independência de Malta em tais bases, o Partido Trabalhista de Mintoff afirmava que o ato "não passava de uma farsa, para ocultar o domínio britânico na ilha".

Finalmente, em junho de 1971, Mintoff derrotava nas urnas o líder católico Olivier, quando já o seu programa visava basicamente a *mais completa soberania nacional maltesa*. Como primeiro passo substituiu Dorman pelo *maltês Sir Anthony Mano* no cargo de governador.

No ano seguinte (1972) assinava com a Inglaterra um novo acordo que revia o de 1970, fixando em 14 milhões de dólares a soma a ser paga a Malta para que na ilha funcionasse a *base militar inglesa da OTAN*. No entanto, o novo acordo reduzia consideravelmente o espaço e a liberdade de movimento até então reservados aos ingleses, estipulando que o aparato militar jamais fosse utilizado contra os Estados Árabes; observa-se, assim, o *posicionamento contrário de Malta face a Israel**.

Ao mesmo tempo que o país recusava vantagens alfandegárias

aos países do Pacto de Varsóvia, levava Mintoff a proclamar a *política do não-alinhamento*, determinando porém a *abertura do país para várias nações do leste europeu*. Assinava também *acordos culturais e comerciais com os Estados Unidos, Rússia e China*.

A nova vitória de Mintoff nas eleições de 1976, já com Malta sob a forma de república, animou-o a *levar o país para o socialismo e maior aproximação com a Rússia e Líbia**.

Eleito em 1981, Mintoff assinava com a Rússia um acordo permitindo aos petroleiros soviéticos utilizar suas cisternas subterrâneas com capacidade para estocar 300 barrís de petróleo. Esses depósitos haviam sido construídos em 1950 pela OTAN; daí haverem os ingleses fechado a base que mantinham na ilha, privando os malteses de 60 milhões de dólares anuais.

CONCLUSÃO

No caminho claudicante de se transformar Malta numa "Cuba" do Mediterrâneo, Mintoff assinava, a 14 de maio do mesmo ano de 1981, um *memorando com a Rússia* prevendo em caso de guerra que os dois Estados devem "coordenar suas posições em nome do restabelecimento da paz". Muito embora, em contrapartida o gover-

* Em 1984 o Coronel Kadafi da Líbia investiu 141 milhões de dólares em Malta, firmando acordo de importações no valor de 52 milhões de dólares. A missão diplomática líbia em Malta consta mais ou menos de 100 pessoas, muitas das quais não são de nacionalidade líbia.

no maltês tenha conseguido irritar tanto Washington quanto o Kremlin, recusando-se a assinar em 1983 o acordo final da Conferência sobre Cooperação e Segurança na Europa.

Mesmo claudicando, a tendência socializante de Mintoff vem preocupando a OTAN, pois enquanto aumenta o número de soviéticos que procuram Malta, já é fato notório que a frota mercante do Kremlin conta com a vantagem de se poder abastecer livremente nos portos do arquipélago.

O posicionamento geoestratégico de Malta, topônimo que coincidentemente vem de Melita, que significa refúgio em fenício, deve preocupar o Ocidente em geral, já que nessa Ilha-Estado o socialismo vem sendo sustentado por uma milícia militar de cerca de 1.000 jovens, que no dia 6 de abril de 1984 enfrentou a metade da população

de La Valeta revoltada com o governo autocrático de Mintoff.

É fato, por outro lado, que quando um Estado-Insular fica próximo do continente, transmite fatalmente a consciência dos perigos que seu posicionamento implica. E, no confronto leste-oeste, Malta surge como pivô no âmbito do Mediterrâneo pelo posicionamento geoestratégico central que lhe permite agir nas mais variadas direções.

BIBLIOGRAFIA

- DERWENT WHITTLESEY — The Earth and the State — N. York, 1944.
- FERNAND BRAUDEL — La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l'Époque de Philippe II — Paris, 1949.
- JACQUES GODECHOT — História de Malte — Paris, 1952.
- JEAN GOTTMANN — La Politique des États et leur Géographie — Paris, 1952.
- R. GENET — Malte et son Destin — Paris, 1933.



Therezinha de Castro — Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Especialização: Geopolítica e Relações Internacionais. Além de outras obras, escreveu "Rumo à Antártica", em que defende os direitos do Brasil no Continente Antártico, "História da Civilização Brasileira", "Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil", "África — Geohistória, Geopolítica e Relações Internacionais".